



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

LISMANO SILVA DE ARAÚJO

AS REVELAÇÕES DO AMOR SEGUNDO ARTHUR SCHOPENHAUER.

LISMANO SILVA DE ARAÚJO

AS REVELAÇÕES DO AMOR SEGUNDO ARTHUR SCHOPENHAUER.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

A663r Araujo, Lismano Silva de.
As revelações do amor segundo Arthur Schopenhauer
[manuscrito] / Lismano Silva de Araujo. - 2017
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia Alemã. 2. Análise filosófica . 3. Sentimentos.

21. ed. CDD 193

LISMANO SILVA DE ARAÚJO

AS REVELAÇÕES DO AMOR SEGUNDO ARTHUR SCHOPENHAUER.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

Aprovada em: 24/11/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Thiago Gomes da Silva Nunes.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Dimiz de Andrade Meira.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que de acordo com minha crença/religião é a fonte de inspiração divina, a qual através de seu amor fraterno e sabedoria mim conduziu para uma de realizações e paz.

Agradeço as meus pais o senhor José Lopes de Araújo e a Maria José da Silva a quem devo a minha existência, e em especial a minha mãe que tanto tinha o sonho de me ver formado, mais que por vontade de Deus, hoje ela descansa em paz, mais tenho a certeza que ela está presente em todos os momentos da minha vida, inclusive na minha formação acadêmica.

Agradeço as minhas filhas Lívia Monteiro e Jamila Monteiro, assim como também a minha esposa Maria Janeide Monteiro de Araújo.

Agradeço o meu amigo Rostand Pereira pela amizade, ajuda e companheirismo que nunca me faltou durante essa jornada acadêmica, e creio que nossa amizade se estenderá por toda vida.

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho pela paciência, dedicação e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

Agradeço a todos os professores do curso de Filosofia, pelos ensinamentos, experiências e vivência, pois cada professor foi de suma importância para a minha vida acadêmica.

Agradeço a instituição UEPB, por todos os ensinamentos e experiências que levarei por toda minha vida, que farão de mim um homem melhor e capacitado para exercer a licenciatura profissão esta que escolhi com muito amor.

“Amor é apenas instinto de sobrevivência da espécie”.

(Arthur Schopenhauer)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. BREVE BIOGRAFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER	08
3. A VONTADE E O AMOR.....	10
4. O SOFRIMENTO E O AMOR.....	12
5. O AMOR SEGUNDO SCHOPENHAUER.....	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

UMA ANÁLISE SOBRE O AMOR SEGUNDO ARTHUR SCHOPENHAUER.

Lismano Silva de Araújo*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve análise da visão do filósofo alemão Arthur Schopenhauer com relação ao Amor. Este trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica que teve como base em sua fundamentação teórica algumas das principais obras de Schopenhauer, tais como; “*Metafísica do Amor*” (2000), “*O Mundo como Vontade e como representação*” (2005) e “*A Vontade de Amar*” (2008). Neste trabalho será apresentada a visão do filósofo, que se propôs a tratar do tema em questão, o qual é muito importante, mas que, porém era um tanto “esquecido” pelos filósofos: o Amor. Para Schopenhauer nada na vida é mais importante que o amor, para ele o amor era um mal necessário, pois o que está em jogo é a sobrevivência da espécie humana. Schopenhauer quando expôs sua visão pessimista com relação ao amor, nos convidou a assumir um ponto de vista diferente, para nos libertar das expectativas que pode acabar gerando frustrações, e considerar que a felicidade não está em questão, e que o amor é apenas nosso impulso de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Vontade. Sofrimento.

1. INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo alemão do século XIX da corrente irracionalista, Schopenhauer foi o filósofo que introduziu o Budismo e o pensamento indiano na metafísica alemã. Ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o Budismo como uma confirmação dessa visão. A filosofia de Schopenhauer influenciou vários pensadores, entre os quais destacam-se Nietzsche, Hartmann, Simmel, Bergson e Freud. Segundo Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o homem se experiencia como um ser movido por aspirações e paixões.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2002, p.44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, tendo esta pesquisa como seu objetivo apresentar uma breve análise acerca do amor, segundo o filósofo Arthur Schopenhauer.

Schopenhauer é considerado como o filósofo do Humanismo, extremamente pessimista e com pensamentos céticos no que diz respeito à vida humana, para o filósofo a vida é regida pela Vontade, e sendo a Vontade uma espécie de Deus, que está presente em

* Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-Mail: lismanocabeleireiro@gmail.com

todos os humanos, sem exceção de nenhum, e que necessita sobreviver, se usando do desejo sexual para se reproduzir e multiplicar; e devido ao desejo de sempre querer mais, a vontade acaba levando ao sofrimento humano, pois o homem nunca será satisfeito com uma única coisa.

Schopenhauer afirmava que o amor entre o homem e a mulher é um método de selecionar o parceiro mais capacitado para reprodução. Portanto, no amor não existe nada de sentimento puro, arrebatador, mas apenas um processo de seleção do melhor, do mais dotado, para ser o pai, ou a mãe de seu filho, isto é, todo amor é uma forma de seleção do parceiro com maior capacidade reprodutiva.

Todo enamorar-se por mais etéreo que possa parecer, enraíza-se unicamente no impulso sexual, e é apenas um impulso sexual mais bem determinado, mais bem especializado e mais bem individualizado no sentido rigoroso do termo. Quando, então, sem esquecermos disso, consideramos o papel importante que o impulso sexual desempenha, em todas as suas gradações e nuances, não só nas peças de teatro e romances, mas também no mundo real, onde ele, ao lado do amor à vida, mostra-se como a mais forte e ativa das molas propulsoras, absorvendo ininterruptamente a metade das forças e pensamentos da parte mais jovem da humanidade. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 07).

Entretanto, os homens são como “marionetes conduzidos por fios invisíveis no seu interior”, ou seja, à vontade, que é, o princípio da natureza que move o mundo e o homem. O homem está sujeito à força cega e universal da vontade. É um querer irracional e inconsciente, sem ordem nem objetivo, que domina e transforma o mundo num absurdo cruel e doloroso, que causa dor e sofrimento ao homem.

2. BREVE BIOGRAFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

O Filósofo Arthur Schopenhauer, nasceu em 22 de fevereiro de 1788 na cidade de Dantzig, seu pai era um rico comerciante e sua família, era de origem holandesa. Em 1793 a conquista prussiana expulsa os Schopenhauer que vão se instalar em Hamburgo, e o jovem Arthur Schopenhauer é criado no espírito da cultura “europeia”. Até 1803, Schopenhauer frequenta uma escola particular, onde demonstra vivo interesse pelos estudos científicos, neste mesmo ano, Schopenhauer viaja para a Inglaterra, Paris, Lião, Genebra, Toulon, Savoia e à Baviera.

Em 1805, seu pai se suicida e ele prossegue seus estudos numa escola de comércio em Hamburgo, já sua mãe vai para Weimar e transforma seu salão em um ponto de encontro de numerosos artistas e escritores.

Em 1809, Schopenhauer abandona a atividade comercial e entra para a Universidade de Gottingen, onde estuda medicina; mais tarde ingressa na Universidade de Berlim; inicia-se na filosofia de Platão e de Kant e na filosofia hindu. E em 1811, Schopenhauer assiste em Berlim, em um Centro filosófico da época, as conferências de Fichte e de Friedrich Schleiermacher.

Em 1813, com a guerra da independência contra Napoleão, Schopenhauer retira-se para a Universidade de Iena e escreve uma dissertação “*Sobre a Quádrupla Raiz do Princípio*” da Razão Suficiente, com a qual conquista o grau de doutor. Retornando a Weimar, torna-se amigo íntimo de Goethe e, graças ao orientalista Friedrich Maier, tem a revelação do pensamento indiano. Permanece depois quatro anos em Dresden (1814-1818) e nesta ocasião seu pensamento se concretiza. E publica o pequeno tratado “*Sobre a vida e as cores*” e termina sua grande obra “*O Mundo como Vontade e Representação*” (1819). Em 1820, vai para Berlim onde obtém o cargo de professor da Universidade, mas sua atividade didática tem pouca duração. Sentindo-se perseguido, abandona os cursos mas, continua com sua atividade filosófica. Em 1822, sentindo-se torturado e inquieto, vai de novo à Itália, mas logo vai para a Alemanha. Permanece algum tempo em Munich durante o período de 1826 à 1827, por motivo de saúde, depois se retira para Dresden.

Em 1833, uma epidemia de cólera afasta Schopenhauer de Dresden; ele vai então para Frankfurt, onde se fixa definitivamente. Embora comendo e bebendo bem, frequentado espetáculos musicais (tocava flauta) e lendo avidamente obras literárias inglesas, francesas e italianas, Schopenhauer torna-se crescentemente amargurado pelo silêncio em torno de seus livros.

Em 1836, Schopenhauer publica “*A Vontade na Natureza*” e em 1841, “*Os Dois Fundamentos da moral*”; e seu ensaio “*Sobre a Liberdade Humana*”, é publicado em 1838 e 1839 recebe o prêmio da Real Sociedade Norueguesa de Ciências. Em 1848, após as convulsões políticas e sociais deste ano, que assustaram o temperamento pacífico de Schopenhauer, seu nome começa a ganhar notoriedade.

Em 1851, Schopenhauer publica “*Parergos e Parolipômenos*”, e em 1860, no dia 21 de setembro, Schopenhauer morre em Frankfurt. Sua influência se faz sentir desde então, principalmente nos trabalhos de Friedrich Nietzsche e de Jakob Burkhardt.

3. A VONTADE E O AMOR

Antes de estudarmos o conceito de *vontade* é necessário que antes seja analisado os conceitos de *Representação* e *mundo*, os quais estão completamente ligados. Estes conceitos são apresentados na obra “*O mundo como vontade e representação*”, segundo Schopenhauer (2005, p.43) “O mundo é a minha representação”, ao fazer esta afirmação Schopenhauer considera que o mundo consiste no representar, o que implica afirmar que o mesmo está sob a dependência do sujeito. Esta proposição é uma verdade para todo o ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido, ou seja, o mundo como representação se divide em duas metades inseparáveis; o sujeito e o objeto. Nenhum dos dois pode existir nem mesmo pensar-se em si, isto é, independente um do outro. Ser sujeito é formar e ter representações; ser objeto é ser conteúdo de uma representação.

Schopenhauer foi um seguidor e admirador do filósofo Immanuel Kant, mas não se pode afirmar que as ideias, até então aqui apresentadas, expressam exatamente o pensamento kantiano, mas, seja como for, Schopenhauer chegou a essas conclusões, partindo do mestre que tanto admirava. Schopenhauer, contudo, separa-se explicitamente, de Kant em um ponto essencial e, a partir daí, constrói uma filosofia original. Para Kant, a coisa-em-si é inacessível ao conhecimento humano, pois encontra-se além dos limites das estruturas do próprio ato cognitivo, entendido como síntese dos dados da intuição sensível, síntese essa realizada pelas categorias a priori do entendimento. Schopenhauer, ao contrário pretendeu abordar a própria coisa-em-si. Essa coisa-em-si, seria a raiz metafísica de toda a realidade, seria a vontade.

Na obra “*O Mundo Como Vontade e Representação*”, Schopenhauer mostra sua metafísica na qual o espaço e o tempo são governados pelo princípio de razão suficiente; a Vontade é apresentada como a coisa-em si ; e o corpo é o objeto imediato da vontade. Podemos situar Schopenhauer entre o idealismo e o materialismo, no qual o real constitui a representação do mundo externo.

[...] tudo isso é diferente apenas no fenômeno, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, ali onde aparece do modo mais nítido, chama-se vontade. Esse emprego da reflexão é o único que não nos abandona no fenômeno, mas através dele, leva-nos à Coisa-Em-Si. Fenômeno se chama representação, e nada mais. Toda representação, não importa seu tipo, todo Objeto é Fenômeno. Coisa-Em-Si, entretanto, é apenas vontade. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 168).

A professora Isis Tomás da Silva da Universidade Federal do Rio de Janeiro escreveu o artigo “*Schopenhauer: Vontade e Representação*”, que retrata a visão de Schopenhauer muito bem a respeito, do mundo e da vontade. Pois de acordo com o artigo de Tomás da Silva, Schopenhauer denota uma visão de que, “tudo o que pensamos é uma representação do mundo” (SILVA, 2011). E que o mundo está dividido em duas esferas, sendo que uma é a representação e a outra a vontade, assim, conforme Silva “o mundo como representação está ligado ao mundo como vontade, essa vontade seria um tipo de sentimento, uma essência do mundo existente em todos os seres” (SILVA, 2011), e “independentemente de serem eles possuidores ou não das faculdades cognitivas, esse mundo representativo é o mundo visível e submetido ao espaço, ao tempo e a causalidade”, e é um outro ponto de vista para o mundo como vontade, contudo, são dois pontos de vista, duas perspectivas distintas de acesso ao mesmo mundo, absolutamente imanente. Já a representação, neste caso, se daria segundo, “através da forma como um sujeito percebe o mundo, ela seria a expressão racional da vontade, de modo que a existência desse mundo seria inadmissível sem que houvesse esse sujeito que o percebesse, assim sendo, tudo o que existe, existe apenas para o sujeito, nosso próprio corpo enquanto percebido por outros sujeitos, passa a ser objeto, e dele se abstrai uma representação” (SILVA, 2011).

[...] nenhuma verdade é, pois, mais certa, mais absoluta, mais evidente do que esta: tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe, numa palavra, é pura representação. Esta lei aplica-se naturalmente a todo o presente, a todo o passado e a todo o futuro, aquilo que está longe, tal como aquilo que está perto de nós visto que ela é verdadeira para o próprio espaço, graças aos quais as representações particulares se distinguem uma das outras. Tudo o que o mundo encerra ou pode encerrar está nesta dependência necessária frente ao sujeito, e apenas existe para o sujeito. O mundo é, pois representação. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

De acordo com Schopenhauer (2005), a vontade é o princípio fundamental da natureza, a força cega, incontrolável que move o mundo. Uma força que se manifesta em toda natureza, mas adquire características específicas nos seres humanos, cuja existência está subjugada a pressão universal da vontade.

Mas a vontade da espécie é tão mais poderosa que a do indivíduo, que o amante fecha os olhos diante de todos aqueles atributos que lhe são desagradáveis, não se dá conta de nada e nada vê, ligando-se para sempre ao objeto de sua paixão: aquela ilusão que o cega tão completamente desaparece logo que satisfeita a vontade da espécie, restando-lhe uma companheira odiosa. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 46).

Assim, o mundo considerado como representação é o fenômeno, aparência enganadora do ser, é o mundo das ilusões, como propõe Schopenhauer, nas quais as coisas modificam-se constantemente numa infinidade de tempo. Nesse sentido, os objetos só têm existência em função de outro. Enquanto fenômeno o mundo é representação, mas não somente isso: em sua essência o mundo é, sobretudo, vontade. É esta que move toda a existência. Diante da compreensão de que o mundo é apenas representação do sujeito, Schopenhauer admite que o mundo também possua um fundamento, onde a vontade funciona como a essência na qual anseia incessantemente pela vida dotada de um infinito desejo de afirmar-se. Desprovida de conhecimento e de razão a vontade revela-se cega e inconsciente no mundo.

A vontade está por toda parte, segundo Schopenhauer é um princípio que move todo o mundo que move o agir humano. Em todos os fenômenos da natureza, da vida dos astros, ao instinto dos animais e mesmo no querer consciente dos homens lá a encontramos à manifestação dessa vontade. Não somos tão livres quanto pensamos, pois, tudo o que acontece, acontece segundo a necessidade. O corpo objetiva a vontade enquanto impulso, infinito, uno e irracional e independe de qualquer individuação. Todo ato real da vontade do sujeito é o movimento de seu corpo o corpo é apenas a vontade tornada visível, é a própria vontade enquanto objeto da intuição. Assim, toda impressão exercida sobre o corpo afeta imediatamente a vontade, onde aparece, então, o prazer e a dor.

No sistema schopenhauriano a Vontade é metafísica e está fora do tempo e do espaço, sendo o amor, enquanto impulso à perpetuação da vida, a manifestação mais imediata e primeira da Vontade no mundo da existência animal. Vontade e querer-viver são, portanto uma só, a Vontade é desprovida de conhecimento e sinônima de um desejo infinito que repõe incessantemente seus objetos. Por isso, o impulso de vida que se expressa no amor é à vontade, o qual é ilimitado e gera incessantemente novos indivíduos.

4. O SOFRIMENTO E O AMOR

No sistema de Schopenhauer, a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana; ao mesmo tempo, é a fonte de todos os sofrimentos, ou seja, para Schopenhauer, a vontade é a expressão fenomenológica do ser humano; ao mesmo tempo força motriz de sua existência e razão de um sofrimento que vem a ser intrínseco à vida.

A filosofia de Schopenhauer é profundamente pessimista, pois a vontade é concebida em seu sistema como algo sem nenhuma meta ou finalidade, um querer irracional e

inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente a lembrança de um sofrimento passado, criaria a ilusão de um bem presente. Para Schopenhauer, o prazer é momento fugaz de ausência de dor e não existe satisfação durável. Todo prazer é ponto de partida de novas aspirações, sempre obstadas e sempre em luta por sua realização de “viver é sofrer”.

Quando a vontade encontra um obstáculo entre ela e seu alvo momentâneo, eis então o sofrimento. Se ela alcança o alvo, eis a felicidade, o bem estar, a satisfação. A satisfação é sempre momentânea, o sofrimento é, contudo, sem medida e contínuo. Nenhuma satisfação dura, ela é apenas o ponto de partida para um novo desejo. A necessidade satisfeita retorna em desejo renascido de mil formas e com ela novamente a necessidade. Então, uma vez conquistado o objeto do desejo nada se ganha, pois a roda do querer gira novamente. Por isso o sinônimo de viver é sofrer. E a felicidade? Nada mais do que a ausência momentânea da dor. A dor é positiva, permanente, a felicidade é negativa, momentânea. Essa dinâmica acontece em toda a escala de objetivação da vontade.

Quanto mais alto no grau de objetivação da vontade, no caso, a objetivação consciente no ser humano, maior é o sofrimento. No ser humano, pela adição do pensamento e através dele da memória e antecipação, o sofrimento e a angústia sofre um acréscimo de intensidade. O animal sofre, mas pela sua presentificação e despreocupação com o futuro e passado, não sofre no mesmo grau do sofrimento humano.

No ser consciente a vida oscila entre o sofrimento e o tédio. Segundo, Schopenhauer, a satisfação põe fim, momentaneamente, ao sofrimento e a dor, mas joga a vida para os braços do aborrecimento e do tédio, ou seja, a ausência da satisfação é sofrimento, e a ausência de um novo desejo é anseio vazio para o tédio.

A essência do homem consiste em sua vontade se esforçar, ser satisfeita, e novamente se esforçar, incessantemente; sim, sua felicidade e bem-estar é apenas isto: que a transição do desejo para a satisfação, e desta para um novo desejo, ocorra rapidamente, pois a ausência de satisfação é sofrimento, a ausência de novo desejo é anseio vazio, *languor*, tédio. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 341).

Mas, a vida é vontade e vontade é falta, carência, desejo. A falta, a carência e o desejo, que quer ser satisfeito, traz inevitavelmente junto a si, em seu aparecer, miséria, dor e sofrimento. E isso pelo simples fato de que a vontade é em si mesmo insatisfeita. No ato da realização da vontade, fruto de uma carência e necessidade essencial, o que resulta é uma insatisfeição.

Entretanto, apesar de todo seu profundo pessimismo, a filosofia de Schopenhauer aponta algumas vias para a suspensão da dor. Num primeiro momento, o caminho para a supressão da dor encontra-se na contemplação artística. A contemplação desinteressada das ideias seria um ato de intuição artística e permitiria a contemplação da vontade em si mesma, o que por sua vez, conduziria ao domínio da própria vontade. Na arte, a relação entre a vontade e a representação inverte-se, a inteligência passa a uma posição superior e assiste a história de sua própria vontade; em outros termos, a inteligência deixa de ser atriz para ser espectadora.

A atividade artística revelaria as ideias eternas através de diversos graus, passando sucessivamente pela arquitetura, escultura, pintura, poesia lírica, poesia trágica, e finalmente, pela música. Em Schopenhauer, pela primeira vez na história da filosofia, a música ocupa o primeiro lugar entre todas as artes. Liberta de toda referência específica aos diversos objetos da vontade, a música poderia exprimir a vontade em sua essência geral e indiferenciada, constituindo um meio capaz de propor a libertação do homem com relação ao sofrimento causado pelo amor e, também em face dos diferentes aspectos assumidos pela vontade. Diferente, da arte, o amor não traz felicidade, apenas sofrimento, dor, angústia e frustrações.

O filósofo alemão, contudo, vê na arte a possibilidade de transcendência, em especial na música, que nos retira do tempo, do espaço e até do nosso corpo, resgatando-nos momentaneamente do suplício da existência.

5. O AMOR SEGUNDO SCHOPENHAUER

Arthur Schopenhauer se considerava um herdeiro de Kant e Platão, por ele considerados “os dois maiores filósofos” do Ocidente. Pretendeu fazer metafísica mesmo depois da crítica de Kant ao dogmatismo transcendente em filosofia, cujo principal expoente talvez seja justamente Platão com sua teoria das Ideias eternas, que, segundo a crítica kantiana, é um voo de pássaro no éter, portanto sem sustentação, sem o recurso à experiência possível.

Ora, depois da sentença condenatória da primeira crítica kantiana, como pode um filósofo ainda ser platônico e fazer metafísica que almeja conhecer o em-si? Pois esta é a pretensão de Schopenhauer. A solução encontrada será respeitar a crítica kantiana, no entanto, ao mesmo tempo, propor uma correção do negativismo dela. Noutros termos, o autor defenderá a possibilidade de uma metafísica, porém imanente, isto é, centrada no corpo.

Nesse horizonte do corpo e da sexualidade como foco da coisa-em-si do mundo, entra em cena o amor. Apesar de se poder apontar o ceticismo de alguns em relação à realidade dele, o autor de *O mundo como vontade e como representação* procura logo contestá-los. Cabe dizer que na estética schopenhauereana, que não abandona a inspiração platônica, a arte manifesta as Ideias, formas, modelos eternos dos acontecimentos e dos seres; revela a verdade, dada por intuição estética da natureza íntima das coisas. A arte é exposição de ideias. Logo, a literatura não mente, lida com a verdade, e o amor é a sua verdade recorrente.

Segundo Schopenhauer, existem dois motivos, os quais, o amor merece ser considerado em toda sua importância. O primeiro é de que os poetas fazem do amor o tema preferencial em suas obras dramáticas, trágicas, cômicas ou românticas. As mais perfeitas e imortais são *Romeu e Julieta*, *Nova Heloísa* e *Werther*. Se os poetas lhe dão tanto crédito não é por força da retórica e da fantasia, mas por força da importância natural do tema e é isso que faz a poesia merecer interesse por parte da humanidade, pois só o que é manifestação da verdade merece crédito e a poesia não seria uma verdadeira arte se não falasse a verdade. Os poetas são assim testemunhos fidedignos do merecimento que o amor tem como tema dispensador de investigação.

Habitamos-nos a ver os poetas ocupados principalmente com a descrição do amor entre os sexos. Este é, via de regra, o tema capital de todas as obras dramática, sejam elas trágicas ou cômicas, românticas ou clássicas, indianas ou europeias: é também, em larga escala, a matéria da maior parte da poesia lírica, assim como da épica; se poderia acrescentar a esta o grande número dos romances que, há séculos, em todos os países civilizados da Europa, se produzem a cada ano tão regularmente como os frutos do solo. Todas essas obras, quanto a seu conteúdo substancial, são apenas descrições multifacetadas, sucintas ou extensas, da paixão da qual falamos. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 03).

Segundo o filósofo alemão, o segundo motivo seria o da experiência. O cotidiano é farto em exemplos onde, personagens não literários, mas sim pessoas de carne e osso, levados pelo sentimento do amor, chegam a ultrapassar o razoável, envolvendo-os nos negócios privados ou do Estado, a ponto de cometer assassinato, suicidar-se.

Além do mais, a experiência, embora não a cotidiana, via de regra também confirma que aquilo que aflora apenas como uma inclinação vivaz, todavia ainda controlável, pode sob certas circunstâncias crescer e se tornar uma paixão que excede qualquer outra em veemência, e então põe de lado todas as considerações, ultrapassa todos os obstáculos com a mais inacreditável força e perseverança, de tal modo que, para sua satisfação, arrisca a vida sem hesitar, e mesmo, se tal satisfação é recusada, a própria vida é liquidada. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 04).

Ainda referente ao segundo motivo de o amor merecer ser considerado em toda sua importância, podemos destacar, segundo Schopenhauer, que a paixão não correspondida pode levar a uma grande tristeza, pois o apaixonado só se sente feliz ao conseguir o objeto de sua paixão, levando-o a perda da razão e posteriormente a um hospício, ou a o suicídio como já mencionado.

Mas ainda maior é o número daqueles que a referida paixão conduz ao hospício. Por fim, cada ano há de mostrar um e outro caso de suicídio conjunto de um casal de amantes transtornado por circunstâncias externas; aqui entretanto, permanece inexplicável para mim como pessoas que, certas do amor mútuo, esperando encontrar em seu deleite a mais elevada bem-aventurança, não preferem por diligências exteriores enfrentar todas as situações e padecer cada desventura a renunciar, a uma felicidade além da qual nenhuma outra maior pode ser por eles pensada. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 05).

Segundo Schopenhauer, toda paixão amorosa é apenas um impulso sexual bem determinado e individualizado. Em toda paixão amorosa trata-se sempre de uma metade encontrar uma outra metade, trata-se de todo João encontrar a sua Maria, em vista de algo grandioso, objetivo último de toda atração amorosa: a geração e o futuro da espécie, nada além disso, e que toda paixão amorosa tem em vista a perpetuação da espécie

Para o pensador sério não se trata de uma ninharia; a suprema finalidade de toda empresa amorosa, quer seja cômica ou trágica, é realmente, a mais grave, a mais séria e a mais importante de todas as finalidades que empolgam a vida humana; é digna da profunda importância que todos lhe dedicam. Os namorados procuram “a combinação da próxima geração”. Por esta paixão tão fútil ver-se-ão determinados na sua existência e na natureza os *dramatis personae*, os atores que entram em cena quando dela sairmos. O instinto do amor, em geral, é condição da existência destas personagens futuras; a própria natureza de seu caráter, a sua “essência” depende de um modo absoluto da escolha individual do amor dos sexos que se encontra assim estabelecida de um modo irrevogável. (SCHOPENHAUER, 2008, p. 24).

Dessa forma, o tema do amor se conecta com o núcleo duro da filosofia de Schopenhauer, ou seja, a vontade cega, a vontade de viver, ínsita em todo ser. De tal forma que as vicissitudes da vontade individual ou da “necessidade subjetiva”, envoltas no impulso sexual, não passam de meras ilusões da consciência. Sempre que uma metade se junta a outra, que um João encontra a sua Maria, o que está em questão são sempre os estratagemas da vontade da natureza para atingir seus fins, no caso a constituição das gerações futuras. O sentimento individual, nesse caso, é apenas uma máscara ilusória, o que importa mesmo é o filho que surge duma relação amorosa.

Schopenhauer, ao falar sobre a sexualidade, se coloca a frente de sua época, pois naquele período, não era comum discutir assuntos relacionados ao sexo, principalmente da maneira aberta com que o filósofo nos apresenta à temática.

O fundamental na tese de Schopenhauer é que impulso de vida pode atuar de forma bastante inconsciente. Conscientemente, as pessoas podem querer ir a uma festa, mas inconscientemente o que as movem é a necessidade de se reproduzirem. Ele precisa ser inconsciente para ser eficaz, porque ninguém assumiria conscientemente o fardo da perpetuação. “O instante em que dois jovens se sentem atraídos um pelo outro deve ser considerado o nascimento de um novo indivíduo”. Sua tese explica a intensidade dessa atração. Mas por que nos sentimos atraídos por algumas pessoas e não por outras? Um dos maiores mistérios do amor é “por que ele?” ou “por que ela? Inúmeras pessoas não provocam qualquer reação em nós, mesmo sendo, em tese, nossos pares ideais e acabamos nos apaixonando por outras com quem a convivência pode ser difícil. Para Schopenhauer nos apaixonamos por uma pessoa quando sentimos inconscientemente que ela pode nos ajudar a produzir herdeiros saudáveis e perfeitos, corrigindo assim, suas imperfeições.

Todos amam o que lhes faltam. A escolha individual, que se funda nas considerações relativas, é mais determinada que a escolha baseada nas considerações absolutas. Destas nascem os amores vulgares e passageiros, daquelas o amor apaixonado. Em geral, não é a beleza perfeita que inspira as grandes paixões. Para que uma inclinação seja verdadeiramente apaixonada, devem as duas pessoas que a experimentam neutralizar-se mutuamente, assim como o ácido e um álcali se neutralizam quando se combinam, formando um sal neutro. Toda constituição sexual é incompleta. Num e noutro sexo esta imperfeição só se refere a uma parte do todo e esta parte é mais ou menos importante segundo os temperamentos. Quando o indivíduo encontra um outro sexo oposto, que o completa, isto é, completa seus defeitos, sabe ele que isto produz um ser mais perfeito, que está exposto à sua criação. (SCHOPENHAUER, 2008, p. 36).

O amor é apenas nosso impulso de vida, nossa missão é apenas descobrir alguém que seja considerado o pai ou a mãe ideal de nossos filhos. E isso levou Schopenhauer a reflexões interessantes sobre a regra da atração. Atraímos-nos por pessoas capazes de contrabalançar nossas imperfeições, garantindo, assim, filhos fisicamente e mentalmente equilibrados, herdando apenas o que há de perfeito no pai e o que há de perfeito na mãe.

O que, por fim, atrai com tal força e exclusividade dois indivíduos de sexos diferentes, um para o outro, é a vontade de vida que se expõe em toda a espécie, e que, aqui, por uma objetivação de acordo com seus fins, antecipa sua essência no indivíduo que ambos podem procriar. Esse indivíduo terá do pai a vontade, ou caráter e da mãe o intelecto, e a corporificação de ambos: no entanto, na maioria das vezes a figura se ajustará mais à do pai, a grandeza mais à da mãe – conforme a lei de procriação híbrida dos animais, baseada, sobretudo em que a grandeza do feto tem de se ajustar a grandeza do útero. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 12).

Segundo, Schopenhauer sempre estamos tentando corrigir nossas imperfeições e, por isso. As pessoas que são muito altas são atraídas por parceiros mais baixos para que os filhos

não sejam gigantes, e pessoas gordas preferem as magras. Ele acreditava que a busca do equilíbrio se estendia até o tom da pele, onde as pessoas de pele escuram optavam pelas de pele clara.

De acordo com isso, cada um preferirá resolutamente e desejará com veemência, em primeiro lugar os indivíduos mais belos, isto é, aqueles nos quais o caráter da espécie está impresso de modo o mais puro, mas, depois, almejará no outro indivíduo especialmente as perfeições que faltam a ele próprio e até achará belas as imperfeições que são o oposto das suas próprias: por isso, p. ex., homens pequenos procuram mulheres grandes, os louros amam as negras, etc. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 17).

Algumas das ideias de Schopenhauer podem parecer descabidas hoje. Isso pode parecer chocante às almas românticas e sentimentais, mas a natureza não se importa com sentimentalismos. E estes deveriam ponderar se pode haver maior finalidade na vida do que perpetuar a própria vida.

O que importa é a sobrevivência da espécie, afirmação da vontade, e para tal se vale da sexualidade para alcançar seu fim. Para isso pouco importa se o indivíduo precisa ser sacrificado, a natureza é insensível ao indivíduo, importando-se somente com a idéia da humanidade. Se uma pessoa morre, outra nasce no seu lugar. Assim, por trás de cada amante, cada casal formado, está o Em-si cósmico, arquitetando a espécie através do *instinto sexual*. Por trás do enlace amoroso está a vontade que quer se perpetuar, mesmo que os indivíduos não tenham consciência disso. Por isso os casais brigam, mas estão de acordo no quesito sexo. Pode até faltar à correspondência psicológica, mas ambos se dão no prazer físico. Astúcia da natureza e da vontade, nada mais. O que importa é que a criança seja gerada e a geração futura mantida. É o filho ausente que dirige o amor cego. O amor é cego, e nem precisa enxergar, pois alguém, invisível, vê pelo casal.

Os instintos são controlados por uma vontade que age sobre nós, independe do nosso querer ser particular. Porém, a finalidade de procriar, de ver no outro a continuação, ou prolongamento da existência, se caracteriza com um propósito da espécie humana, mesmo que não se tenha concebida a ideia de maneira clara e distinta. Para Schopenhauer, a vontade é um impulso cego, assim o amor nada mais é do que a vontade que se manifesta pela perpetuação da espécie.

Quando um homem e uma mulher buscam se unir um ao outro, seguindo, desta forma o anseio amoroso, ou seja, o amor que afirmam sentir, eles nada mais estão fazendo do que afirmar a vontade da vida. Esse suposto amor é apenas interesse pela criação de um novo indivíduo, que surge na sua natureza, isto é, a união afetiva entre casais, liga-se a uma fusão

de um ser que possibilitará o prolongamento de sua existência. Os pais veem no futuro filho a unificação e continuação de todas as qualidades suas que recairá sobre os filhos, e este é o acontecimento que representa a perfeita e mais intensa paixão entre os dois.

Para Schopenhauer (2000), no amor entre dois seres o que está em questão nunca é a felicidade efêmera dos indivíduos envolvidos. A felicidade individual é uma promessa ilusória para que o *gênio da espécie* possa cumprir o seu objetivo que é a perpetuação da própria espécie. Para isso ela se vale da *ilusão do instinto* fazendo passar por bem individual o que na verdade é o próprio bem da espécie.

Por isso, em tais casos, a natureza só pode alcançar o seu fim se implantar no indivíduo uma certa *ilusão*, em virtude da qual aparece como um bem para ele mesmo, o que é de fato um bem só para a espécie, de modo que ele a serve enquanto pensa servir a si mesmo. Em todo esse processo uma mera quimera, que logo desaparece, paira diante dele, e surge como motivo no lugar de uma realidade. Essa *ilusão* é o *instinto*. Na maioria dos casos deve-se considerá-lo como o sentido da *espécie*, que expõe à vontade o que lhe é favorável. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 16).

Schopenhauer, depois de decifrar o enigma do amor passa a fazer algumas observações acerca da diferença entre o homem e a mulher e das qualidades físicas e psíquicas de ambos. Na relação amorosa, segundo, Schopenhauer o homem inclina-se por natureza à inconstância enquanto a mulher tende à constância e a fidelidade. O amor do homem declina desde o instante da conquista e da satisfação, uma outra mulher sempre o atrai mais, do que a sua, ou seja, ele anseia pela mudança. Na mulher o amor aumenta a partir da conquista e satisfação. Isso não é uma escolha. É a natureza que assim determina. Essa é uma consequência da finalidade da natureza que tudo faz para conservar e, por conseguinte, para o maior aumento possível da espécie. A natureza dispôs as coisas de tal forma que possibilita ao homem gerar mais de cem crianças em um ano, se tiver esse número de mulheres à disposição, enquanto a mulher, ainda que tivesse o mesmo número de homens, não poderia gerar mais do que um único filho por ano, (salvo o nascimento de gêmeos). Por isso o homem está sempre em busca de outras mulheres enquanto a mulher permanece ligada a um único homem, pois a natureza a impele instintivamente a conservar ao seu lado aquele que provê e protege a prole.

O amor do homem diminui sensivelmente a partir do momento em que obteve satisfação; quase qualquer outra mulher o excita mais do que aquela que já possui: ele anseia pela variedade. O amor da mulher, ao contrário, aumenta justamente a partir desse momento. Isso é uma consequência do fim da natureza, direcionado para a conservação e, por conseguinte, para a mais vigorosa possível multiplicação da espécie. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 22).

Porém, Schopenhauer, para ir mais afundo no assunto e convencer de modo pleno que a satisfação com o outro sexo, por mais objetiva que possa parecer, é apenas um instinto mascarado, isto é, o sentido da espécie que se esforça por conservar o seu tipo, temos de investigar mais de perto até as considerações que nos guiam nessa satisfação e nos aprofundar nas mais especiais dentre elas. Essas considerações dividem-se nas que concernem imediatamente ao tipo da espécie, isto é, a beleza, e nas que se dirigem para as qualidades psíquicas, e por fim, nas meramente relativas, resultantes da exigência de correção ou neutralização mútua das unilateralidades e anomalias de ambos os indivíduos.

Quanto às qualidades físicas, a principal consideração que guia nossa escolha e inclinação é a *idade*. Schopenhauer nos apresenta que o gosto individual na atração amorosa é apenas aparente, o que conta mesmo é o instinto de procriação disfarçado sob a atração aparentemente subjetiva. Segundo, Schopenhauer “Juventude sem beleza sempre provoca excitação, mas beleza sem juventude, não” (2000, p. 23). Esse instinto leva em conta a idade da mulher fazendo o homem desejar uma mulher nova, mas nunca uma mulher que já não menstrua.

Além da idade temos uma segunda consideração física fundamental, que é a saúde, que segundo Schopenhauer, “doenças agudas perturbam apenas passageiramente, já as crônicas, ou caquexias, repugnam, porque podem se transmitir à criança” (2000, p. 24). Para o filósofo a terceira consideração seria o esqueleto, pois nada nos repele mais do que uma figura deformada.

A terceira consideração é o esqueleto: porque é o fundamento do tipo de espécie. Depois da idade e da doença nada nos repele mais que uma figura deformada e nem mesmo o mais belo rosto pode compensá-la; antes, até mesmo o rosto mais feio, num corpo bem constituído, será incondicionalmente preferido. E mais: sentimos de modo mais forte cada desproporção do esqueleto, p. ex. uma figura mirrada, retorcida, pernas curtas e também o andar coxo, quando não é consequência de um acidente. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 24).

A última consideração física é com relação à beleza do rosto (nariz, boca e olhos) que no caso vem em último lugar. No homem a mulher tem em alta consideração os que se encontram entre trinta e trinta e cinco anos porque essa é a idade apogeu da força geradora. A beleza no homem é secundária, sobretudo a beleza do rosto. A mulher toma para si a tarefa de transmitir à criança a beleza do rosto. A mulher se inclina diante da coragem e a força do homem, em vista da proteção da prole. Por essa razão a mulher muitas vezes ama homens feios, mas nunca efeminados, pois essa deficiência a mulher não pode neutralizar com a suas qualidades.

Segundo Schopenhauer, quanto às qualidades psíquicas a mulher busca no homem o caráter, a vontade firme, a retidão, a decisão e a coragem. A criança herda do pai essas qualidades. As qualidades intelectuais no homem não atraem instintivamente a mulher porque essas virtudes não são herdadas do pai, mas da mãe.

O segundo tipo de considerações que estão no fundamento do amor sexual diz respeito às qualidades psíquicas. Aqui encontramos a mulher atraída em geral pelas qualidades do coração ou caráter em geral pelas qualidades do coração ou caráter do homem, como sendo as herdadas do pai. Antes de mais nada, a mulher é cativada pela firmeza da vontade, pela resolução e coragem, talvez também pela honradez e bondade de coração. Ao contrário, os méritos intelectuais não exercem sobre ela nenhum poder direto e instintivo, justamente por não serem herdados do pai. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 26).

Schopenhauer apesar de ser um filósofo pessimista, ele retrata também o amor ágape. Diferentemente do amor Eros, o qual visa como vimos anteriormente, a perpetuação da espécie, o amor ágape é o amor caridoso, compassivo, no qual não há interesse de um indivíduo sobre o outro, pois o que prevalece é o bem está do outro, nesse tipo de amor o intuito de ajudar o outro é mais forte, e não pensa em benefícios próprios.

Agora, que há uma outra forma de amor, diferente e superior ao amor paixão ou amor erótico. O amor Ágape é o amor-com-paixão. Compaixão, como o nome mesmo diz, significa sofrer com, colocando-se no lugar do outro, sofredor, seja humano ou animal. O amor compaixão é o amor caridoso, compassivo, altruísta, como já citamos anteriormente. Schopenhauer considera o amor compaixão o mais excelso, o mais nobre, elevado e o mais autêntico. E isso porque, tal como ocorre com o belo na estética, o amor compaixão é um sentimento de negação da vontade, em vez de afirmá-la, como faz o amor erótico.

Segundo Schopenhauer (2000), a superioridade do amor compaixão em relação ao amor erótico advém do fato de que amor erótico cumpre sua missão em colocar singularidades no mundo para que estas sejam jogadas nos sofrimentos da vida, ao passo que o amor compaixão procura evitar o sofrimento neutralizando as dores da existência, ao invés de perpetuá-las. Não há maior boa ação do que ser capaz de doar-se gratuitamente, fazendo da existência do outro a minha própria existência. A compaixão é o fundamento da ética e esta tem em Schopenhauer um sentido altamente positivo, ultrapassando o pessimismo que caracteriza aparentemente a sua filosofia da vontade. Mediante o louvor ao amor desinteressado Schopenhauer se inscreve como um pensador de otimismo prático, apesar do seu pessimismo teórico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado nesta pesquisa, Arthur Schopenhauer foi um brilhante filósofo alemão, profundamente engenhoso e com grande influência durante a segunda metade do século XIX e começo do XX. Ele se caracterizou por uma posição nitidamente pessimista perante o mundo e a vida, o que foi refletido na sua principal obra “*O mundo como vontade e representação*”. Depois de analisar suas obras, dentre as quais foram selecionadas para esta pesquisa, podemos levar em consideração que para, Schopenhauer a essência do ser humano é à vontade, e que sempre estamos em busca de satisfazer nossos desejos, e por isso, a essência da vida é a dor e o sofrimento, pois a satisfação constante do que queremos está atrelada a nossa concepção de felicidade, o que acaba por se tornar insustentável, nos levando a angústias e frustrações.

Para Schopenhauer (2005), a noção da felicidade seria a “satisfação sucessiva de todo o nosso querer” e afirma que a tendência a ela, por um lado, coincide completamente com a nossa existência, cuja essência é a Vontade de viver, mas por outro, é revelada pela experiência como o nosso maior erro e desilusão e que só poderíamos trilhar o caminho para a verdadeira felicidade, com a anulação da vontade.

Para Schopenhauer (2000), o amor é apenas um impulso sexual, o nosso impulso de vida, e que a nossa missão é apenas procriar, descobrir o pai ou a mãe ideal para os nossos filhos, ou seja, os relacionamentos amorosos seguem uma lógica própria, que em nada tem a ver com a busca da felicidade, mas sim com a biologia. O filósofo dizia que “nada no mundo é mais importante que o amor, porque o que está em jogo é a sobrevivência de nossa espécie”. Para o filósofo alemão, o amor é o objetivo último de quase toda preocupação humana; é por isso que ele influencia nos assuntos mais relevantes, interrompe as tarefas mais sérias e por vezes desorienta as cabeças mais geniais.

Entretanto, em um campo sabidamente pouco romântico, Schopenhauer, (2008) afirmava que não somos românticos, mas sim escravos de um impulso inconsciente de perpetuar a espécie, que ele não chama de amor, mas de vontade de viver. A intenção do filósofo era de nos libertar das expectativas dos relacionamentos que levam ao sofrimento, para Schopenhauer o fim do amor é uma questão biológica e não emocional.

Schopenhauer dizia que não estávamos errados em viver em função do amor, estávamos certíssimos, pois não havia coisa mais importante que o amor, porém, o erro está em acreditar que o amor traria felicidade. Mas, acima desse amor sexual, existe um amor puro, que é o amor ágape ou compaixão, que é repleto de bondade e caridade para com o

outro, o qual se diferencia do amor sexual, pois o amor ágape tem como o seu intuito ajudar o próximo, sem esperar nenhum benefício ou vantagem. Para Schopenhauer não devemos nos culpar tanto pelo estado de desespero e obsessão em que entramos, quando fracassamos no amor, pois, para ele, não podemos evitar de nos apaixonar, afinal a biologia é mais forte que a razão.

ABSTRACT

This article aims to present a brief analysis of the German philosopher Arthur Schopenhauer's view of Love. This work was elaborated from a bibliographical research that was based on its theoretical foundation some of the main works of Schopenhauer, such as; "Metaphysics of Love" (2000), "The World as Will and Representation" (2005) and "The Will to Love" (2008). In this work, the philosopher's vision will be presented, which was intended to deal with the theme in question, which is very important, but which was somewhat "forgotten" by the philosophers: Love. For Schopenhauer nothing in life is more important than love, for him love was a necessary evil, for what is at stake is the survival of the human species. When Schopenhauer expounded his pessimistic view of love, he invited us to take a different point of view, to free ourselves from the expectations that might end up generating frustrations, and to consider that happiness is not in question, and that love is only our impetus Of life.

KEYWORDS: Love. Will. Suffering.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **TEORIA DO AMOR SEXUAL: uma reflexão em torno de Platão, Schopenhauer e Freud.** Disponível em: < www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd99=pdf&dd1=1788 > acesso em: 21/07/2017.

BREDA, Juliana Fernandes. **Amor e morte em Schopenhauer.** Disponível em: < https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/breda_jf_me_mar.pdf > Acesso em: 30/07/2017.

CORDEIRO, Tiago. **Filosofia é usada como guia para viver melhor.** Disponível em: < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI299871-17773-6,00-FILOSOFIA+E+USADA+COMO+GUIA+PARA+VIVER+MELHOR.html> > Acesso em: 24/07/2017.

GERMER, Guilherme Marconi. **A busca da felicidade: Nosso erro, ilusão e existência fundamentais, segundo Schopenhauer.** Disponível em: < http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v2-n2-7-germer_guillherme_marconi.pdf > Acesso em: 29/07/2017.

MENDONÇA, Adriana Arruda. **Schopenhauer e o Amor.** Disponível em: < <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1918/1/PDF%20-%20Adriana%20Arruda%20de%20Mendon%C3%A7a.pdf> > Acesso em: 30/07/2017.

MONTEIRO, Victória. **Schopenhauer e o aniquilamento da vontade.** Disponível em: < <http://colunastortas.com.br/2014/09/12/schopenhauer-e-o-aniquilamento-da-vontade/> > Acesso em: 30/07/2017.

RIBEIRO, Karla Pinhel. **O sofrimento na filosofia de Schopenhauer.** Disponível em: < http://www.academia.edu/4738819/O_sofrimento_na_filosofia_de_Schopenhauer > Acesso em: 21/07/2017

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.** Tradução Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Metafísica do amor, metafísica da morte.** Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A vontade de amar.** Tradução Aurélio de oliveira. João Pessoa: Ediouro Grupo Coquetel, 2008.

SILVA, Isis Tomás. **Schopenhauer: Vontade e Representação.** Disponível em: <http://pibid-filosofia-ufrrj.blogspot.com.br/2013/05/apresentado-porisis-tomas-da-silva-vida.html> > Acesso em: 30/07/2017.